

Didática da Geografia: recurso à Literatura como proposta interdisciplinar

Manuel Alberto Rodrigues

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

E-mail: malbe.rodrigues@netcabo.pt

Palavras Chave

Nova geografia, literatura, ensino, aprendizagem, interdisciplinaridade.

Resumo

O propósito deste trabalho é explorar algumas potencialidades da literatura para a aprendizagem da história, da sociologia, e, sobretudo, da Geografia. O pressuposto de partida é que a literatura constrói “geografias” podendo assim dar lugar a um espaço de interdisciplinaridade. Coloca-se então a hipótese da aplicabilidade da Literatura de ficção à aprendizagem da Geografia. Contar uma história, isto é, construir uma narrativa, implica uma ação, desenvolvida em determinado espaço ou espaços e num determinado tempo. Um romance situa muitas vezes um grupo, um herói, uma família, uma categoria social, no seu meio regional. A combinação da Geografia com obras literárias pode motivar os alunos, que são relutantes à leitura, a poderem encontrar uma nova razão, de certa forma lúdica, para a leitura de livros.

Pretende-se mostrar que a literatura pode ser usada na prática, para a aprendizagem da Geografia, da Expressão Gráfica em Geografia, da História e da Sociologia. Seleccionámos neste caso, o Rio das Flores,

de Miguel Sousa Tavares.

A maioria dos trabalhos literários são baseados em lugares reais e os seus ritmos espacio-temporais ligam-se a experiências vividas pelos personagens, muitas das vezes até pelos próprios autores, daqui, resulta, a sua importância ao fornecerem autênticos testemunhos da influência e da experiência humana nos locais geográficos. A questão que se irá colocar será a de saber como aquela ligação se pode aplicar em contexto de trabalho escolar.

Partindo da narrativa/relato, efetua-se uma análise que permite relacionar o universo temporal da ficção com o universo temporal da atualidade noticiosa da época, com os respetivos universos históricos e sociais e com as isotopias espaciais e temporais relatadas.

Title

Teaching of Geography: using literature as interdisciplinary proposal

Keywords

New geography, literature, teaching, learning, interdisciplinarity

Abstract

The purpose of this paper is to explore the potential of the literature for the learning of history, sociology, and especially of Geography. The starting assumption is that literature builds “geographies” and thus gives rise to a space of interdisciplinarity. We explore the hypothesis that Fiction can be used to learn Geography. Telling a story, which is building a narrative, implies an action, developed in a particular space or spaces at a particular time. A novel often places a group, a hero, a family, a social class in its regional environment. The combination of geography with literary work can motivate students who are reluctant to read, and help them to find a new reason, in a playful way, to read books.

We show that literature can be used in practice for the learning of Geography, of the Graphic Expression in Geography, of History and Sociology. We selected for this purpose the novel ‘Rio das Flores’ by Miguel Sousa Tavares.

Most literary works are based on real places and their spatial-temporal rhythms are linked to the experiences of the characters, often even to life experiences of the authors themselves, and that explains its importance by providing authentic evidence of the human influence on geographic places. The question that will be put to know is how that connection can be applied in the context of the school work.

Beginning with the narrative/story an analysis is carried out to relate the temporal universe of fiction with the temporal universe of the news broadcast of that time, and with the historical, social universes and the spatial and temporal isotopies reported in the book.

1 Introdução

A formação inicial de professores e de educadores tem como um dos objetivos fundamentais formar professores capazes de atuar de forma crítica e criativa no que se refere à adoção de uma determinada perspetiva interdisciplinar no ensino, de modo a privilegiar a busca de interconexões disciplinares, possibilitando um conhecimento contextualizado, favorecendo a compreensão e a resolução de problemas reais na sua complexidade, em contexto social concreto.

Através de diversas obras literárias que temos vindo a ler ao longo dos anos, incluindo contos e histórias para crianças, verificámos que eram raras aquelas que não faziam referência e descrições de vários tipos de espaço. Desta forma proporcionou-se agora efetuar um trabalho que seja um suporte teórico e uma base prática que possibilite aos professores o desenvolvimento de atividades através de uma interdisciplinaridade entre a Geografia e a Literatura. Pretendemos também que seja uma proposta complementar ao ensino da geografia através da análise de conteúdo geográfico partindo de obras literárias, o que constitui um dos métodos de pesquisa em geografia.

Tendo em vista o ensino e a aprendizagem da Geografia, a questão que podemos colocar é a de perceber até que ponto será possível uma relação entre Geografia e Literatura e quais as possibilidades do estudo do espaço geográfico através da ficção literária, assumindo como pressuposto que a literatura “constrói geografias”.

Nesta perspetiva direcionámos a nossa atenção para o estudo dos espaços onde decorre a obra de ficção “O Rio das Flores” de Sousa Tavares, que possibilita uma abordagem ao estudo dos diferentes espaços mencionados na obra e por onde as personagens e o protagonista se movimentam, assim como as relações sócio-políticas e económicas de uma época, lançando pistas para uma outra forma de ensinar e aprender geografia a partir da ficção literária.

A obra selecionada, devido à sua complexidade histórico-geográfica não se adequa a todos níveis de ensino e faixas etárias, nem tal seria possível neste trabalho preliminar. Contudo, a partir da sugestão de uma metodologia serão possíveis concretizações, a efetuar pelos professores, partindo de pequenos contos, histórias breves ou capítulos de obras mais vastas, selecionados consoante o nível de ensino e as competências a adquirir pelos alunos.

O trabalho foi estruturado tendo em vista quatro pontos. Um primeiro ponto de enquadramento teórico onde se abordarão algumas tendências da geografia e suas finalidades. Num segundo ponto uma breve referência ao currículo do ensino básico e ao papel da Geografia no desenvolvimento de competências, onde se analisarão os pontos de contacto entre literatura e geografia numa prática interdisciplinar. Por último são apresentadas algumas sugestões metodológicas e uma exemplificação para a exploração do espaço sócio-geográfico a partir da obra literária já referida.

2 Novos caminhos da geografia

O objeto de estudo da geografia é o espaço, produto histórico construído a partir da interação entre a sociedade e a natureza, num processo de construção reconstrução, por vezes de destruição contínuas. Através do estudo do espaço, uma das categorias de análise da ciência geográfica, podemos compreender o mundo e a sociedade através da localização dos indivíduos e dos grupos e da sua causalidade, “objetos” essenciais ao seu estudo.

A partir da segunda metade dos anos sessenta surgiu uma nova corrente designada por Nova Geografia com novos métodos. Não se opondo à Geografia Clássica, cujo seu início remonta a 1800, de algum modo veio a orientar-se mais fortemente para campos aplicados a problemas práticos. Durante aquele período debates entre os

que pretendiam inovar a geografia utilizando métodos quantitativos e os céticos que pretendiam manter-se na discussão de problemas ortodoxos e desligados da sua aplicação prática.

As designações de Geografia Clássica e de Nova Geografia poderão levantar algumas dúvidas, nomeadamente aos professores do primeiro e segundo ciclos do ensino básico que não tiveram uma formação geográfica. Ao falarmos de Nova Geografia não se pretende de forma alguma avançar com a ideia de que uma substituiu a outra. Elas complementam-se contribuindo para um maior rigor da ciência geográfica enquanto ciência de síntese.

Para Claval (1982) a Geografia Clássica era concebida como uma descrição racional do mundo e o seu objetivo não era evidenciar a lógica dos factos espaciais, mas descrever os contornos do real seguindo a evolução das formas de paisagem e das organizações territoriais utilizando dados retrospectivos. Os factos eram apreendidos à escala da paisagem privilegiando o estudo do habitat, das estruturas agrárias e dos sistemas económicos autárquicos da sociedade tradicional. Para os geógrafos daquela corrente os métodos, ao contrário das outras ciências, utilizavam apenas a observação, a descrição e a generalização, renunciando ao uso da dedução. Recusavam o importante papel da teoria como fator explicativo.

O campo de observação em que se apoia a nova geografia é bastante mais vasto do que aquele em que se tinha apoiado a Geografia Clássica. Os métodos da nova geografia são mais arrojados por necessidade de ter em conta a sua adequação à geografia real que é feita de dispersão irregular, contrastes e circulações sinuosas, em tudo contrárias às da geometria euclidiana em que a Geografia Clássica se apoiava. Seria inevitável um corte epistemológico pela constatação de duas ordens de insuficiências: os seus métodos e teorias já não satisfazem; o objeto real visado pelos mesmos surge com um tal grau de complexidade que os ultrapassam. Assim, havia a necessi-

dade de aperfeiçoar os instrumentos teóricos e técnicos de produção de conhecimentos adquiridos e já testados, para experimentar novas vias de abordagem da zona que lhe é própria. Em síntese, Bachelard (2008) afirmava que “um método excelente acaba por perder a sua fecundidade se não renova o seu objeto”.

Não sendo possível em geografia testar as hipóteses recorre-se a modelos teóricos comparáveis a situações reais por analogia. Estes métodos não fornecem apenas uma descrição clara e objetiva do real, simplificam a recolha de dados e possibilitam a verificação dos esquemas teóricos e análise de processos.

A nova geografia comporta uma dimensão de reflexão teórica e outra de testes, com base em modelos teóricos, designados por modelos analógicos, elaborados a partir de observações que descrevam e apreendam as evoluções que permitam efetuar previsões (Abler, Gould, (1977:45). Passa a existir uma preocupação quantitativa apoiada pela estatística descritiva, pelo estudo das probabilidades, pela correlação de dados estatísticos, mais adaptados às exigências atuais dos estudos geográficos, tendo em vista a previsão de cenários geográfico-espaciais. A correlação simples e multivariada entre duas ou mais variáveis provenientes das observações efetuadas são por vezes necessárias para medir as semelhanças ou diferenças e os seus respetivos graus que só a análise quantitativa podem oferecer.

2.1 As competências Geográficas e o papel da geografia

A Geografia é uma ciência de interceção com outras ciências e uma disciplina de charneira entre as Ciências Naturais e as Ciências Sociais, que estuda a terra e a dinâmica das inter-relações entre os espaços e o Homem enquanto ser social e transformador da paisagem. Procura responder a questões sobre modificações e variações do espaço que envolvam fenómenos físicos, biológicos e humanos,

relacionados com a sua localização, conhecimento dos lugares e regiões, distribuição, caracterização, gestão espacial e respetivos impactos.

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico o estudo do espaço geográfico ao nível do ensino básico tem em vista a aquisição de competências geográficas baseadas no desenvolvimento do conhecimento dos lugares, das regiões e do Mundo. Evidencia, para além do desenvolvimento das competências gerais, as competências geográficas específicas a desenvolver ao longo de cada ciclo de estudos, cuja formulação “teve em conta uma perspetiva integradora de atitudes, capacidades e conhecimentos que os alunos devem desenvolver através da educação geográfica”¹.

As competências essenciais ao longo do ensino básico agrupam-se em três domínios: a localização, o conhecimento dos lugares e regiões e o dinamismo das inter-relações entre espaços.

O saber “pensar o espaço” e a atuação sobre o meio em que os alunos vivem deve estar no cerne das atividades que possibilitem desenvolver competências naquele sentido através de articulações possíveis entre os níveis das competências gerais e das competências específicas. Para Lacoste (1977) é preciso fazer com que aqueles que ensinam a geografia tomem consciência de que o saber-pensar o espaço pode ser uma ferramenta para cada cidadão, não somente um meio de compreender melhor o mundo e seus conflitos, mas também a situação local na qual se encontra cada um de nós.

De entre algumas das competências em Geografia destacamos genericamente as que possibilitam a mobilização de tipos de saberes culturais, científicos e tecnológicos conducentes à compreensão das diversas realidades espaciais. Para pesquisar, selecionar, recolher, analisar e comunicar informação geográfica são utilizando diferentes meios e linguagens de comunicação como textos, quadros, mapas, gráficos, imagens, filmes, videogramas, cartografia automatiza-

da, sistemas de informação geográfica e Internet.

Saber organizar a informação geográfica recolhida, utilizando metodologias adequadas à escala de análise, pode mobilizar conhecimentos geográficos se for feito através da realização de atividades de forma autónoma e criativa em projetos que envolvam trabalhos de campo, simulações e estudos de situações concretas, entre outras.

Assim, parece ser importante que, nos cursos de formação inicial de professores, seja praticada a didática da geografia tendo em conta modelos centrados no desenvolvimento das capacidades da leitura e interpretação do espaço, de forma integradora e interdisciplinar numa perspetiva de utilidade prática com vista à consecução das referidas orientações curriculares.

3 Geografia e literatura: uma interdisciplinaridade possível

Na literatura da especialidade não existe consenso sobre o conceito de interdisciplinaridade, existindo potencialmente tantas formas de interdisciplinaridade, quantas as disciplinas. A interdisciplinaridade é assim “qualquer forma de diálogo ou interação entre duas ou mais disciplinas, cujo nível, tipo, objetivo e efeito deve ser avaliado” (Moran, 2002:16).

Para Klein (1998:3) os estudos interdisciplinares podem ser definidos como um processo para responder a uma pergunta, resolver um problema, ou ser dirigido a um tópico que seja demasiado abrangente ou complexo para ser tratado apropriadamente por uma única disciplina. Estas definições centram-se na interdisciplinaridade no âmbito da investigação, contudo, neste caso, situamo-nos numa interdisciplinaridade escolar através de trabalhos que os professores podem aplicar na sala de aula.

A interdisciplinaridade escolar pode apresentar três dimensões. Uma dimensão curricular, em que se estabelece uma “ligação de

interdependência, de convergência e de complementaridade entre as diferentes matérias escolares” (Lenoir, 1998). Neste caso, o próprio currículo deve apresentar uma estrutura interdisciplinar. Uma dimensão didática onde existe uma articulação entre o que determina o currículo e o modo de inserção em situação de ensino aprendizagem, através do planeamento e revisão de estratégias de ação e intervenção dos docentes. A dimensão pedagógica atualiza em sala de aula a dimensão didática.

Porém, para que a interdisciplinaridade escolar se concretize é necessário eliminar o “efeito de barreira” entre as disciplinas numa tentativa de romper com o ensino baseado apenas na transmissão de conhecimentos. Para tal, o processo pedagógico deve fundamentar-se no diálogo entre professores das diversas disciplinas, conjugando assim duas ou mais disciplinas num contexto de ensino-aprendizagem. O ensino interdisciplinar passa então pela negociação entre os professores dos diferentes saberes disciplinares, para a construção coletiva de conhecimentos sobre a realidade, de modo a desenvolver nos alunos competências a vários níveis.

A Geografia é uma disciplina que mais facilmente pode promover a interdisciplinaridade porque pela sua natureza é uma ciência de interceção entre as ciências naturais e sociais.

Uma das possibilidades de interdisciplinaridade escolar é a que concretizada entre as disciplinas de História e Geografia de Portugal e Língua Portuguesa na qual incluímos a literatura. Ao utilizarmos o termo literatura queremos referir-nos, neste contexto, a todas as obras escritas como sejam romances, contos, poesias, peças teatrais e contos populares, isto é, tudo o que é constituído por narrativa, em oposição às formas expositivas de escrita como sejam por exemplo, livros de referência, artigos e notícias.

4 Pontos de partida para uma proposta didática

Depois dos anos setenta têm surgido casualmente estudos sobre a possibilidade de associação da geografia à literatura considerada como fonte de informação subjetiva com o objetivo da sua utilização como recurso didático no ensino e na investigação em geografia Lamme, (1977), Douglas, (1988), Hume (1996), Klein, (1998).

Raramente os geógrafos utilizam fontes literárias para os seus trabalhos, a não ser para estudos em Geografia Histórica para a reconstituição de espaços históricos. Contrariando esta tendência, Sharp (1996), após uma breve introdução à possível relação entre geografia e literatura, analisa, através de uma abordagem que aquele autor aplicou ao controverso romance *Os Versículo Satânicos* de Salman Rushdie, a forma como a ficção é utilizada como fonte noutras disciplinas.

Na Geografia Histórica, por exemplo, a literatura é um recurso particularmente apropriado para os estudos do papel do homem e da geografia da percepção humana dos ambientes passados². Na educação geográfica, ao nível de estudos regionais, a literatura tornou-se assim um recurso recomendado.

Tendo em vista o nosso objetivo pretendemos mostrar que a literatura pode ter relevância como recurso auxiliar para o ensino da Geografia. Para tal, recorreremos a um romance em que a “geografia” e a “história” estão presentes, merecendo por isso uma atenção especial.

Conner (1988), afirmava que “Os geógrafos têm uma forte percepção do significado do lugar, esforçamo-nos para capturar os seus atributos óbvios e ocultos, e para destilar, na sua forma mais pura, no sentido de uma região, a importância de uma paisagem. Como profissionais da ciência dos lugares, muitas vezes temos de reconhecer (com inveja) a sensibilidade e a intuição inata com que os

escritores literários extraem a mais pura realidade de uma região. Através do uso hábil de letras e evocações, por exemplo, um texto literário pode transmitir de maneira convincente a essência de uma realidade geográfica e fazer o leitor vibrar com o cenário assim evocado”. Mas, sendo o espaço na literatura subjetivo e ficcional, será que as ambiências inventadas, com elementos da memória do escritor, podem ser passíveis de contribuir para a aprendizagem da geografia? Se assim for, tal exigirá, por parte do professor, uma capacidade transdisciplinar e interdisciplinar para percorrer diversas áreas que poderão passar pela História, pela Sociologia e pela Geografia, onde conceitos de espaço, sítio, lugar, território, fronteira, distância, distância-custo e distância-tempo coexistem nas diversas disciplinas contribuindo para uma pluralidade de significações.

O nosso ponto de partida situa-se no pressuposto de que, se a literatura “constrói geografias”, então, ela poderá ser objeto de trabalho interdisciplinar com a geografia para a realização de aprendizagens. Assim, centrámo-nos na perspectiva de encontrar resposta metodológica construída no sentido de promover e operacionalizar o estudo da geografia através da literatura, induzindo ao mesmo tempo a leitura de obras literárias.

5 Reconstruindo geografias com a literatura

5.1 Os lugares através de nomes, imagens e narrativas

A construção de lugares através de narrativas remonta a um tempo muito longo na história da literatura. Desenhos animados e romances de juventude, revelam novas formas de perceber antigos lugares ou paisagens. Os filmes desempenham também um papel importante na génese das percepções contemporâneas do espaço.

Os estudos sobre a relação entre geografia e literatura, sendo

poucos, não têm saído praticamente do meio académico. Para Frémont (1976) a literatura constitui uma área de investigação de grande qualidade. Um romance situa muitas vezes um grupo, um herói, uma família, uma categoria social no seu meio regional, onde se traduzem os valores e a forma como se utilizam e frequentam determinados espaços. Uma região não se reduz então às características que os geógrafos lhe reconhecem, a sua realidade depende também da forma como os que lá vivem a percebem dependendo da perceção do espaço geográfico por cada um.

Na literatura, como na vida real, existe uma identificação das pessoas com o seu lugar de nascimento e com o espaço onde se movimentam. Refira-se, a título de exemplo, o romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, que deu lugar ao filme com o mesmo nome realizado por Vicente Minelli³, em 1949, que nos mostra a Normandia onde vivia uma pequena burguesia, um lavrador, um farmacêutico, mas também, registos de árvores de fruto, vilas e quintas. O mesmo se passa nas obras que relatam viagens e nos descrevem lugares próximos ou remotos.

Numa perspetiva geográfica, a leitura de obras de ficção que registam aspetos geográficos e relatam momentos históricos, caracterizando simultaneamente os personagens, relacionando a vida rural e urbana das diversas regiões, descrevendo paisagens e a ocupação espacial, deverá ultrapassar o nível da simples leitura de uma obra literária. Dever-se-á, neste caso, ensinar o aluno a proceder a uma leitura histórico-geográfica, cultural e de construção mental de mapas dos espaços onde a ação decorre, o que irá traduzir-se num enriquecimento significativo na sua formação geográfica.

Em alguns romances, como na vida real, a interação entre as pessoas ocorre em espaços diferenciados. Neles podemos encontrar autênticos testemunhos para o estudo da influência humana nos lugares, pois relatam momentos geográficos e históricos de grande

importância para o estudo da História e da Geografia possibilitando, assim, aprender sobre diversas regiões.

5.2 Os lugares através de nomes, imagens e narrativas

Hume (1996:2) afirma que a leitura de obras literárias pode melhorar a compreensão da geografia. A pesquisa mostrou que a consciência geográfica entre os alunos é mais influenciado pelas experiências de viagens do que por qualquer outro fator (Bein, 1990). Não sendo possível efetuar com os alunos viagens por todo o mundo, uma alternativa poderá ser através da criação de um ambiente de aprendizagem que mais se aproximasse da vivência efetiva num lugar qualquer, objetivo que poderá ser alcançado através da literatura.

A literatura de ficção encontra-se repleta de descrições geográficas da natureza, paisagens e de lugares onde se desenrolam dramas sociais, psicológicos e políticos, que refletem uma determinada realidade. Assim, a iniciação à exploração do espaço geográfico a partir de um romance pode efetuar-se de acordo com a seguinte sequência: deteção e identificação de nomes de espaços geográficos (cidades, lugares, regiões, etc.), mencionados ao longo da narrativa onde as personagens se movimentam; associação daqueles espaços aos factos históricos e sociais, reais ou ficcionais, descritos ao longo da narrativa. Os espaços geográficos ocupados e aqueles por onde se movimentam os personagens, podem apresentar-se como sendo reais ou imaginários, neste caso, não sendo reconhecíveis pelos leitores. Sempre que os leitores estejam impossibilitados de reconhecer um local, este passa a ser imaginário, o que pode não acontecer de facto.

A resposta à questão colocada por Ecco (1995:106) sobre “O que acontece, então, quando num texto de ficção o autor põe, como elemento do mundo real (que é de facto mundo ficcional), algo que nele nunca se verificou?”, pode ser comprovada pela análise dos

locais da ação na cidade de Paris através dos vários capítulos da obra de Alexandre Dumas “Os Três Mosqueteiros”. Um leitor normal, mesmo conhecendo a cidade de Paris, não identificaria os nomes de algumas das ruas cujo nome aparece no romance. Só uma pesquisa mais detalhada sobre a evolução da cidade possibilitaria verificar que alguns nomes de ruas foram alterados e outros eliminados devido às transformações urbanas posteriores à época em que a ação decorria.

Na ficção os autores não constroem somente uma determinada realidade geográfica com as suas particularidades, algumas vezes mais sugerida do que expressa com mais ou menos rigor. Por vezes constata-se a existência de duas narrativas simultâneas: uma de caráter histórica e outra ficcionada.

Recordamos, como exemplo, os romances de José Saramago “O Ano da Morte de Ricardo Reis” e “Pequenas Memórias” cuja ação se centra no espaço urbano de Lisboa onde podemos reconstituir os caminhos percorridos pelos personagens à luz de um olhar contemporâneo, levando-nos a refletir sobre o espaço ficcional onde eles se movimentam e “atuam” incorporados no ambiente social e intelectual de uma época. Por vezes, as informações históricas somam-se às literárias e ao imaginário dos leitores, de acordo com a experiência, mais ou menos vivida, que possuem daqueles espaços.

6 A literatura como documento na aprendizagem da geografia

O documento em geografia liga o investigador a uma determinada realidade a descobrir e a interpretar podendo ser um mapa, uma fotografia, um documentário, uma série estatística, um documento histórico ou um texto narrativo. Estes e outros tipos de documentos permitem analisar a organização e a distribuição espacial de um fenómeno, no presente ou no passado, contribuindo também para

revelar situações fundiárias, fluxos de capitais e de informação.

Não havendo documentos neutros, objetivos, desinteressados, o geógrafo, ao analisar um texto narrativo, procura interpretar uma situação ou um movimento numa atitude de encontrar deformações próprias no que respeita à visão dos lugares e do mundo dados pelo mediador estudado.

Na generalidade o ensino e a aprendizagem da geografia assentam na utilização excessiva do livro didático e na memorização, sem o recurso aos vários documentos auxiliares disponíveis. Centra-se nos conteúdos mais conceptuais do que procedimentais e na utilização descontextualizada e estereotipada das cartas geográficas (Bonfim, 2006), sem fazer referência às experiências sócio-espaciais.

O livro didático da Geografia é um instrumento, entre outros possíveis, de ser usado na sala de aula ou até fora dela, mas existem vários exemplos de novas formas de ensinar que por vezes o complementam e até superam. Quem ensina deve ser criativo e organizar novas atividades com os seus alunos. Existe um conjunto de documentos para atividades didáticas, que tornam as aulas de geografia mais atraentes, criativas e inovadoras. Incluímos neste caso a literatura paradidática⁴, romances, canções, poesia, etc., para além de visitas de estudo, utilização de filmes ou vídeos (produzidos e disponíveis para finalidades didáticas). Assim, o livro didático tenderá a perder aos poucos o papel privilegiado de definidor de atividades.

A literatura, como documento para apoio ao ensino da geografia mostra que pode trazer conhecimentos relativos a uma época, a uma geração, sobre a natureza humana e sobre o mundo enquanto espaço geográfico transformado pelo homem.

A seleção de obras para utilizar no ensino da geografia deve ser efetuada em função da quantidade e diversidade dos espaços descritos, da qualidade com que se descrevem e explicam as interações entre as personagens e os espaços, da forma como elas ajudaram

a construir a identidade da região ou regiões onde decorre a ação, tendo em vista a sua relação com a cultura, a história e a geografia. A construção de um modelo para a utilização de obras literárias no ensino deve então evidenciar a Natureza, a História vivida nos diversos espaços, a Economia através das regiões formais⁵, funcionais⁶, perçecionais e movimentos de pessoas, bens e serviços, a Sociedade e a Cultura, onde incluímos as interações do Homem com o meio que contribuem para modificar e adaptar o espaço (Fig. 1).



Figura 1

Fonte: Adaptado a partir de Aranda, *Fundamentos teóricos e didático-metodológicos do estudo da localidade escolar*

Após a leitura de uma obra literária, uma possível atividade de pesquisa poderá consistir em confirmar, através de um trabalho de campo, se um lugar, uma rua, uma casa, uma porta, descritos pelo autor são ou não reais ou se, por exemplo, um hotel frequentado por algum dos protagonistas ao longo da narrativa e descrito pelo autor como sendo para classes sociais altas, é diferente da realidade por se encontrar atualmente inserido num bairro degradado.

Um livro rico em descrição de ruas e locais de Lisboa, onde se entrelaçam vivências e memórias é o romance “*As Pequenas Memórias*” de José Saramago, já anteriormente referido, que mereceria uma cartografia de roteiro dos espaços urbanos frequentados e vividos pelo narrador em locais que atualmente ainda podem ser reconhecíveis.

Os romances históricos ou de descrição de uma época, que descrevem retratos da sociedade contemporânea do autor, são os mais facilmente verificáveis através da sua posição geográfica numa carta ou planta. Em “*Os Maias*” de Eça de Queiroz, os valores que nobres e pessoas da alta sociedade da época querem fazer transparecer, são fachadas para uma série de acontecimentos decorridos em locais tão diversos como Lisboa, Celorico de Basto, Sintra, Coimbra, Nápoles, Paris, entre outros.

Nos romances contemporâneos, os pormenores dos espaços são menos descritivos porque o desejo de representação fotográfica é também menor, tornando a paisagem menos reconhecível. Há todavia, alguns, que possibilitam uma exploração histórico-geográfica, porque de um modo geral cada enredo tem uma configuração pode ser expressa em termos geográficos, e, em muitos casos, existe sempre uma determinada viagem envolvida.

7 Rio das Flores no ensino da geografia

7.1 Razões de uma opção

É através do estudo do espaço enquanto categoria de análise utilizada pela ciência geográfica que os alunos podem compreender melhor o mundo e a sociedade onde vivem, ainda que a informação seja obtida através de literárias. Enquanto professores devemos procurar uma ação docente que traga para a sala de aula o dia a dia dos

alunos que supere a transmissão e a fragmentação do conhecimento, estabelecendo um diálogo com o mundo e com os outros através de propostas que desafiem os alunos a ler, a escrever e a estabelecer comparações entre o passado e a atualidade.

Na perspetiva apresentada, o romance “Rio das Flores” possibilita um confronto histórico e geográfico com o presente visto ter como base uma pesquisa histórica sobre uma época e as vivências de uma família abastada de proprietários rurais alentejanos, possuidora de vastas terras e forte apego às tradições, numa sociedade rural marcada por ditaduras, onde o caminho para a liberdade se tornava muito difícil. Num cenário de turbulência que se vivia em Portugal e na Europa, no período que vai da I República em 1915, até 1945 altura em que o Estado Novo se tinha consolidado, a política e as ideologias manifestam-se através das divergências na família ao longo de três gerações.

Em aproximadamente trinta anos da história do século XX são confrontados vários cenários geopolíticos, ideias através de lugares de passagem ou de estada em vários “cenários” geográficos referidos na obra, como o Alentejo, Espanha e Brasil e cidades por onde os protagonistas se movem durante o desenrolar da ação. É num contexto literário de enquadramentos políticos e geográficos que o autor caracteriza os ambientes socioculturais e os espaços vividos pelas personagens.

Assim, o critério que presidiu aos nossos propósitos para a seleção daquele texto narrativo foi, para além de uma leitura acessível, a riqueza de menções geográficas que atravessam o livro do princípio ao fim acompanhadas de relatos e de aspetos históricos decorrendo em várias épocas, a caracterização dos ambientes onde se desenrola a ação, a diversidade dos espaços geográficos como países, regiões e cidades onde vivem e se deslocam as personagens do livro, aos quais podemos ainda acrescentar passagens relacionadas com os

meios de transporte, vias de comunicação, estrutura agrária, população agrícola e descrição de locais urbanos estimulantes da pesquisa geográfica.

7.2 Metodologia para uma aplicação didática⁷

Ao propormos uma atividade aos alunos da disciplina de geografia, através da leitura de uma obra de ficção, é previsível certa estranheza expressa pela pergunta: “o que é que a leitura e a ficção tem a ver com a geografia?” Esta reação poderá ocorrer porque, na “escola”, os alunos foram habituados a trabalhar com saberes compartimentados e desligados uns dos outros. Impõe-se, portanto, no início da atividade clarificar com os alunos as possibilidades daquela associação, explicitando que leitura é extrair informação contida num texto e compreender o que lá se encontra escrito.

Para Richaudeau (1992:30) o ponto de partida do processo de leitura é “*un balayage visuel d’un texte (généralement manuscrit, imprimé ou affiché sur un écran)*”. O nível de compreensão de leitura, isto é, a atribuição de significado ao que se lê, passa pelo conhecimento linguístico, pela riqueza lexical, pela rapidez da leitura, pela eficácia da identificação das palavras escritas, pelo conhecimento que se tem sobre o Mundo e sobre a vida e, sobretudo, pelo conhecimento dos assuntos que são abordados nos textos que se leem⁸.

Sendo o ensino da Geografia através das obras literárias um trabalho interdisciplinar deve, desde logo, fazer-se apelo às competências de leitura que o aluno adquiriu em Português pelo que é importante estabelecer uma interdisciplinaridade entre aquela disciplina e de Geografia.

Definir objetivos e competências a desenvolver

Os objetivos são conhecimentos, atitudes e procedimentos adqui-

ridos através da aprendizagem dos conteúdos curriculares e traduzem o que o aluno sabe sobre determinados conteúdos.

As competências, sendo da ordem da mobilização dos saberes, definem o que o aluno será capaz de fazer com os saberes que possui (e que se encontram delimitados pelos objetivos), pressupõem assim o agir em determinada situação, mobilizando conhecimentos, capacidades, procedimentos e atitudes, conduzindo à capacidade de fazer, pensar ou apreciar alguma coisa. A noção de competência para Perrenoud (2000:15) designa “*uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações*”.

Tendo em conta este conceito para esta aplicação são mobilizados e treinadas as seguintes competências: mobilizar conhecimentos anteriores; desenvolver capacidades para a compreensão e análise textual; reconhecer, descrever e selecionar conteúdos geográficos encontrados no livro enquanto se segue o enredo; construir um projeto geográfico com base no conteúdo do livro ou do capítulo; utilizar diversos tipos de cartografia e bases de mapas para localizar os diversos espaços geográficos mencionados no livro; utilizar as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação para pesquisar e apresentar e organizar a informação que obtida a partir da sua leitura; analisar as características das áreas geográficas que podem influenciar as vidas dos principais personagens do livro; sintetizar de forma coerente os elementos geográficos obtidos pela leitura.

Sugestão metodológica para a exploração⁹

A metodologia assim como as estratégias a utilizar dependerão do tipo de texto ou livro a explorar, dos objetivos a alcançar e das competências a adquirir pelos alunos. O livro em que nos baseámos é um texto do tipo narrativo que é uma descrição de eventos baseados em experiências ocorridas ou ficcionados, selecionados por quem os escreveu ou conta, e descritos de acordo com uma organi-

zação estrutural (Graesser, 1991).

A componente do texto narrativo sobre o qual incidimos a atividade é o contexto espácio-temporal em que decorre a ação e onde as personagens se movem. Assim, como preparação prévia para uma abordagem geográfica ao texto, sugere-se a seguir uma metodologia.

Faseamento e estratégias a seguir.

a) Antes de se iniciar a leitura o professor deve:

- Explicitar o objetivo da leitura do livro ou do capítulo, tratando-se neste caso procurar e selecionar informação geográfica.

- Ativar conhecimentos anteriores sobre o tema ou temas geográficos que vão ser trabalhados.

- Antecipar os eventuais conteúdos de natureza geográfica com base no título, imagens e índice do livro.

- Percorrer o texto para encontrar palavras relacionadas com o tema geográfico pretendido, (nomes de rios, serras, montanhas, lugares, ruas, cidades, países, continentes, populações, setores de atividade, funções centrais, etc.).

b) Para a leitura as orientações a dar aos alunos são:

- Fazerem uma leitura seletiva.

- Criarem um mapa mental (imagem mental)¹⁰ do que foi lido, associando ideias à descrição dos espaços geográficos mencionados no capítulo ou no livro.

- Sublinharem e tomarem notas durante a leitura.

- Efetuarem sínteses do que se relaciona com o tema ou temas que vão ser trabalhados, à medida que se avança no texto.

- Utilizarem, se necessário, materiais de referência como glossários de conceitos geográficos, mapas, cartas geográficas e bibliografia selecionada.

c) Após a leitura deve orientar os alunos a:

- Formular questões sobre o conteúdo geográfico da leitura

tentando dar respostas.

-Referir e registar os espaços mencionados e situá-los ao nível geográfico global, regional e local. Localização em cartas geográficas de escalas adequadas locais e regiões geográficas mencionados no texto.

d)Após a leitura e com o recurso a conhecimentos anteriores estimular os alunos ao autoquestionamento a partir dos objetivos explícitos.

-Para que vou ler este texto.

-O que já conheço sobre os espaços geográficos mencionados no livro.

-O que devo ler com mais atenção tendo em vista os objetivos definidos.

-O que não preciso de ler.

-O que tenho que reler.

-Onde procurar mais informação sobre assuntos específicos da geografia mencionados no livro.

Que informação devo identificar, organizar, selecionar e destacar, sublinhando ou transcrevendo para me recordar e trabalhar mais tarde.

7.3 Proposta para concretização de atividades

A obra sobre a qual incide a exemplificação de atividade a seguir apresentada, apesar de extensa, é de fácil leitura e a linguagem utilizada apropriada para os alunos do segundo ou terceiro ciclo. O enredo atraente e pleno de história e de geografia, é um compromisso entre a realidade histórica e a narrativa de ficção.

Porém, como não poderíamos abranger o conteúdo total da obra numa única atividade prática, selecionámos apenas partes mais significativas de dois capítulos. Os exemplos apresentados são su-

gestões e pontos de partida, cabendo a cada professor fornecer aos alunos os conceitos, os métodos, os instrumentos e as técnicas necessárias para que possam construir sistematizadamente o seu saber adquirindo competências de acordo com as respetivas faixas etárias e nível de ensino.

Para a concretização da aplicação pode organizar-se um calendário semanal ou quinzenal para que os alunos, individualmente ou em grupo e com o apoio do professor, façam um relato da leitura de um ou mais capítulos do livro incidindo preferencialmente nos aspetos geográficos relacionando-os, dentro do possível, com temas trabalhados nas aulas.

A partir de evidências geográficas mencionadas no texto, tais como rios, planícies, serras, países, regiões, cidades, lugares, etc., selecionam-se as que possibilitem uma relação com os temas a trabalhar. Podem abordar-se temas como a localização dos lugares onde decorre a ação, formas de relevo, hidrografia, ocupação do espaço agrícola e urbano, organização de grupos, composição de classes sociais, evolução demográfica dos locais mencionados desde a época da ação até à atualidade.

Atividade

Título do livro: Rio das Flores

Autor: Miguel Sousa Tavares

Ano da edição: 2007

Editora: Oficina do Livro

Capítulos analisados: VII e VIII

No final desta atividade os alunos serão capazes de:

- Utilizar mapas e outras formas de representação geográfica, tecnologias para obter, processar e apresentar relatórios, numa perspetiva espacial.

- Delimitar, localizar e representar numa carta geográfica locais, regiões e deslocamentos.
- Identificar vias de comunicação.
- Identificar e localizar num mapa países e cidades mencionados na obra.
- Ler, analisar, e interpretar informação em diferentes tipos de mapas.
- Identificar as atividades económicas da região.
- Comparar a vida na região de Estremoz com a de Lisboa.
- Explorar as condições de vida em cada uma das cidades.

Para a interpretação, clarificação de conteúdo e de conceitos/noções básicas de localização, sugere-se, que através de países cidades e regiões mencionadas na obra, se evidencie inicialmente a posição de Portugal na Península Ibérica na Europa, a sua inserção em espaços territoriais mais vastos (a Europa e o Mundo), se localize o continente europeu em relação aos outros continentes e oceanos, salientando os principais contrastes na forma e dimensão.

A atividade, a realizar durante várias aulas, pode ser individual ou em grupo, sendo este último, o mais aconselhável. Os capítulos são selecionados em função dos conteúdos a trabalhar. Poderá sugerir-se aos alunos que preencham para cada capítulo lido uma ficha com os elementos apresentados em esquema no Anexo I¹¹, ou outro que se achar conveniente, que os ajudará a organizar as ideias e a compreender o progresso da história.

Os procedimentos que propomos para a operacionalização desta atividade servem apenas como exemplificação. Todavia, podem ser adequados tendo em conta os conteúdos, o interesse dos alunos e as competências geográficas essenciais e transversais que devem adquirir. Por outro lado, os locais e espaços geográficos selecionados no âmbito da exploração do livro devem ser em função das áreas

geográficas a trabalhar com os alunos, podendo ser selecionados outros que não sejam os indicados nos exemplos apresentados. Deve ter-se ainda em conta que a atividade não se esgota com os temas tratados na sequência de tarefas propostas.

Decerto é ainda importante sublinhar que os conteúdos e a sequência a seguir apresentados não devem ser prioritários e obrigatórios no processo de ensino/aprendizagem e da construção do conhecimento. Há que considerar outros elementos, como o conhecimento dos alunos, o método e a avaliação.

Algumas orientações para a operacionalização da atividade.

- Registar numa tabela, idêntica à que se exemplifica no Anexo II, os locais como cidades, vilas, regiões, países e continentes mencionados, detetados durante a leitura.
- Localizar em cópias de mapas de várias escalas os locais e regiões mencionados situando a história num contexto geográfico.
- Localizar Portugal na Península Ibérica e no Mundo.
- Identificar locais imaginários não suscetíveis de localização no espaço real.
- Representar através de um esquema ou de uma tabela de duas entradas o sentido das deslocações efetuadas pelas personagens entre os diversos espaços.
- Pesquisa de imagens e outra informação sobre os locais e ou edifícios descritos, explicando as suas diferenças e os acontecimentos históricos ali verificados.
- Mencionar os meios de transporte utilizados na época da narrativa e a distância quilométrica que poderá ser a atual se não for possível a obtenção desta informação em relação à rede viária da época.
- Procurar informações sobre as localidades e os concelhos men-

cionadas como por exemplo:

- Situar o concelho de Estremoz no seu distrito.
- Análise demográfica comparativa com a atualidade de uma localidade mencionada no texto. No caso exemplificado o concelho de Estremoz (Anexo IV).
- Análise da evolução de uma cidade através da cartografia ou de fotografias (Anexo V).
- Levantamento das funções centrais.
- Identificar as rodovias utilizadas pelas personagens nas suas deslocações entre Estremoz e as outras localidades.
- Construção de cartografia dos movimentos e deslocações das personagens entre os locais descritos.
- Discutir as causas pelas quais, no contexto do livro, as pessoas se deslocam entre os diversos locais e de como isso afeta as suas vidas.
- Compreender como a geografia (paisagem, clima, cultura) pode influenciar a vida das pessoas numa região específica.
- Efetuar comparações com os movimentos de pessoas e bens em situação real.

Para a consecução destes procedimentos torna-se necessário reunir mapas de diferentes regiões, cidades ou países citados ao longo da história. Como síntese final pode solicitar-se aos alunos que formulem questões, coloquem hipótese, interpretem os resultados dos dados recolhido e tratados, reflitam sobre os espaços estudados comparando-os com os atuais, organizem os seus pensamentos, analisem as informações e respondam a perguntas.

8 Nota final

Com a aplicação destas ou de outras atividades os alunos poderão ganhar consciência do mundo e dos vários locais referidos no

livro, fornecendo ao mesmo tempo uma estrutura sistemática para a aquisição de competência com base no uso da Geografia ao longo da vida, sustentadas em questões como aplicar a geografia para interpretar o passado e como aplicar a geografia para interpretar o presente e planejar o futuro. As competências geográficas que uma pessoa geograficamente informada deve ter, devem passar por saber colocar questões geográficas, adquirir informação geográfica, organizar informação geográfica, analisar informação geográfica e responder a questões geográficas.

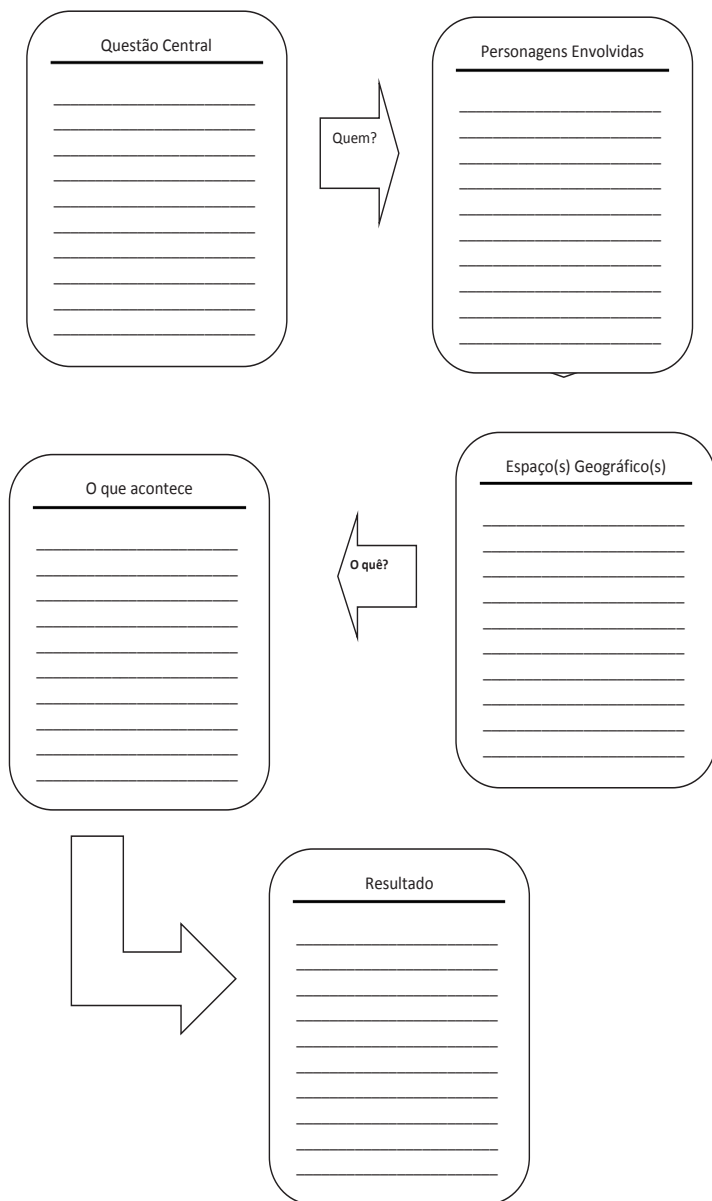
O papel do professor/educador é fundamental na motivação e orientação dos alunos, devendo haver da sua parte uma preparação cuidada e uma preocupação continuada na avaliação do andamento do trabalho para introduzir em tempo oportuno as correções ou adaptações que se revelarem necessárias.

As questões a desenvolver nas atividades devem ser selecionadas criteriosamente tendo em conta o livro, os capítulos e os conteúdos a trabalhar, de modo a que, se consigam atingir os resultados desejados que entendemos ser a apetência para a leitura e o desenvolvimento nos alunos de uma atitude crítica e simultaneamente atuante em relação ao espaço geográfico.

Resta-nos concluir que este estudo não foi mais do que a colocação de uma hipótese sobre a possibilidade da aprendizagem da Geografia através da Literatura numa perspectiva interdisciplinar. Torna-se por isso necessária uma validação não em contexto de sala de aula de modo a podermos confirmar ou infirmar a possibilidade da sua aplicabilidade e eficácia, quer no que respeita à metodologia adotada, quer no que respeita às aprendizagens e competências adquiridas pelos alunos durante o tempo em que decorrer o projeto.

Anexo I

Esquema para organizar uma Ficha Resumo de Leitura



Anexo II
Espaços geográficos mencionados

Cidades	Regiões	Países	Localização na Europa e no Mundo
Estremoz		Portugal	Península Ibérica; Europa
Sevilha		Espanha	Península Ibérica; Europa
	Serra de Aracena	Espanha	Península Ibérica; Europa
	Aldeia de Aracena	Espanha	Península Ibérica; Europa
Vila Real de Santo António		Portugal	Península Ibérica; Europa
Mértola		Portugal	Península Ibérica; Europa
	Confluência do Guadina com Vascão	Portugal	Península Ibérica; Europa
Elvas		Portugal	Península Ibérica; Europa
Badajoz		Portugal	Península Ibérica; Europa
	Douro e Minho	Portugal	Península Ibérica; Europa
		Rússia	Europa
		Angola	África
Rio de Janeiro		Brasil	América do Sul
Lisboa		Portugal	Península Ibérica; Europa
Porto		Portugal	Península Ibérica; Europa

Anexo III

Tipos de transporte utilizados pelas personagens nas
deslocações entre locais geográficos e distâncias quilométricas

	Estremoz	Lisboa	Rio de Janeiro	Sevilha
Estremoz	-	Automóvel (KM)	d	Carruagem Automóvel (KM)
Lisboa	Automóvel	-	Dirigível	
Rio de Janeiro	d	Barco	-	d
Sevilha				-

Nota: A letra d significa desconhecido.

Anexo IV

Evolução demográfica do concelho de Estremoz



Fonte: INE

Referências bibliográficas

- Abler, R., P. Gould e Adams, P. (1977) *Spatial Organization: The Geographer's View of the World*. London: Prentice Hall.
- Bachelard, Gaston (2008) *O Novo Espírito Científico*. Lisboa: Edições 70.
- Backler, Alan; Stoltman, Joseph. (1986) The Nature of Geography Literacy. *ERIC digest*, Nº35, Nov.86. <http://www.ericdigests.org/pre-925/nature.htm>. Acedido em agosto de 2008.
- Bein, Frederick (1990) Baseline Geography Competency Test: Administered in Indiana Universities, *Journal of Geography* 89 Nov-Dec., pp. 260-265.
- Bonfim, Natael (2006) A Imagem da Geografia e do Ensino da Geografia pelos Professores das Séries Iniciais, *Estudos Geográficos*. Rio Claro, Vol 1, Nº 4, junho, pp. 107-116.
- Claval, Paul (1982) *A Nova Geografia*. Coimbra: Almedina.
- Ecco, Umberto (1995) *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, Lisboa: Difel.
- Fazenda, Ivani, Catarina Arantes (2005) *A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento*. São Paulo: Papirus.
- Fémont, Armand (1976) *Région Espace Vécu*. Presses Universitaire de France : Paris.
- Graesser A., Golding, J. M., Long, D. L. (1991) Narrative Representation and Comprehension, *Handbook of reading research* Vol. 2, pp.171-205), White Plains. New York: Longman. http://www.pucsp.br/curriculum/artigos_v_1_n_1_dez_2005/yveslenoirartigo.pdf. Acedido em janeiro 2010.
- Hume, Susan E. (1996) *Using Literature To Teach Geography in High Schools*, ERIC Digest, ERIC Publications. http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/14/74/cf.pdf. Consultado em dezembro/2010.
- Julião, Rui Pedro (1999) Geografia, Informação e Sociedade, *GeolNova, Revista do Departamento de Geografia e Planeamento Regional*, nº 0, UNL/FCSH pp. 95-98. Lisboa.
- Ken, Conner (1988) *Geography and Literature*. Whole Worth Review
- Klein, J. (1998) *Ensino interdisciplinar: didática e teoria*, Fazenda, I. (Org.). São Paulo: Papirus.
- Klein, J.T. (2004) Prospects for Transdisciplinarity, *Futures*, Vol. 36, Nº 36 pp: 512-526.
- Klein, Julie Thompson (1996). Interdisciplinarity Teaching: Didactics and Theory, *VIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, Vol. 2, pp. 269-284.
- Klein, Julie Thompson and William H. Newell (1998). Advancing Interdisciplinary Studies. *Interdisciplinarity: Essays from the Literature*, pp. 3-22. New York: Edição William H. Newell.
- Kockelmans, J. J. (1979) *Why Interdisciplinarity? Interdisciplinarity and Higher Education*, University Park: Pennsylvania State University Press.
- Lamme, A. J. (1977) The Use of Novels in Geography Classrooms, *Journal of Geography*, Vol. 76, Nº 2, Fev.
- Lenoir, Yves (1998) *Didática e Interdisciplinaridade: uma Complementaridade Necessária e Incontornável*. São Paulo: Papirus.
- Lenoir, Yves (2005) Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em educação em função de três tradições culturais distintas, *Revista E-Curriculum*. Nº 1, Dez-Jul
- Lynch, Kevin (2009) *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Ministério da Educação. (2001) *Currículo Nacional do Ensino Básico: competências essenciais*. Lisboa: Me-DGIC.
- Moran, Joe (2006). *Interdisciplinarity*. Londres: Routledge.
- Perrenoud, Philippe (2000). *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Pocock, Douglas (1981). *Humanistic Geography and Literature*. Nova York: Barnes and Nobles Books.
- Sharp, Joanne (1996). Locating imaginary homelands: Literature, Geography and Slamon Rushdie, *Geojournal*, 38,1. Glasgow University
- Sim-Sim, Inês et al. (2007). *O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. Lisboa: DGIDC.
- Sousa Tavares, Miguel (2007). *Rio das Flores*. Lisboa: Oficina do Livro.
- Theves, Denise Wildner (2009). Literatura e Geografia: caminhos e passagens, *10º Encontro Nacional de Prática do Ensino da Geografia*. Porto Alegre.
- Yves Lacoste (1977). *A Geografia serve antes de mais para fazer a Guerra*. Lisboa: Iniciativas Editoriais.

Notas

¹ C. f. Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais do Ministério da Educação. P. 107 e seguintes, acessível em: <http://www.dgidec.min-edu.pt/fichdown/livrocompetencias/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>

² A Geografia da Perceção passou a estudar o espaço, a paisagem e os lugares tendo em vista a experiência e a vivência dos seus moradores, conseguindo assim, por exemplo, a imagem de muitas cidades dentro da mesma cidade. Cada pessoa tem uma imagem diferente da sua cidade o que tem a ver com a forma como é percebida por cada um. C. f. Lynch, K. (2008) “A imagem da Cidade”, Lisboa, Edições 70.

³ O romance *Madame de Bovary*, foi também adaptado ao cinema por Jean Renoir em 1939 e por Claude Chabrol em 1991.

⁴ Os livros paradidáticos visam a formação escolar e podem conter apelo ideológico, para isso trazem nos textos conteúdos escolares e exemplos de várias situações reais e sócio-espaciais, podendo ser, por exemplo, livros de histórias.

⁵ Região formal ou homogênea corresponde a um espaço contínuo em que cada uma das partes que o constituem apresentem características semelhantes umas das outras, cujos padrões estabelecidos podem ser a estrutura produtiva, a disponibilidade de recursos naturais, os aspetos físicos, etc..

⁶ A teoria dos lugares centrais associa uma região funcional à distribuição de bens e serviços através das funções centrais e expressa relações entre áreas através de fluxos de movimentos de pessoas, bens e serviços.

⁷ As sugestões apresentadas neste trabalho são apenas indicadoras. Não sendo as únicas possíveis, fica ao cuidado dos professores a adequação ou a criação de outras atividades.

⁸ Sobre o ensino da leitura e a compreensão de textos c. f. Sim-Sim (2007).

⁹ Os procedimentos metodológicos apresentados são apenas orientadores. Poderão ser selecionados os que possam interessar, face aos objetivos e às competências a adquirir pelos alunos.

¹⁰ Cada indivíduo possui um mapa mental distinto, em virtude das imagens que caracterizam e valorizam os diferentes lugares.

¹¹ Se o livro for um conto breve poderá ser para todo o livro.